

Ato Um

CENÁRIO: Escritório de Sir Wilfrid Robarts, Q.C. À tarde. A cena se passa na sala particular do escritório de Sir Wilfrid. Trata-se de uma peça estreita, com a porta à E e uma janela à D. A janela é construída em uma profunda reentrância, o que permite que a parede abaixo dela forme um grande banco, e se abre para uma parede lisa de tijolos vermelhos. Há uma lareira ao C da parede do fundo, ladeada por estantes repletas de pesados tomos legais, uma escrivaninha, à DC, com uma cadeira giratória à sua D, e uma cadeira de espaldar alto e reto, de couro, à sua E. Uma segunda cadeira, igual, fica encostada à estante à E da lareira. No canto à DA há uma espécie de pequena escrivaninha muito alta, própria para leituras de pé, e no canto, à EA, alguns cabides presos à parede. À noite, a sala é iluminada por luz elétrica, com lâmpadas em forma de vela em arandelas à D e à E da lareira, e uma lâmpada sobre a escrivaninha, que só ilumina a área onde se escreve. O interruptor fica abaixo da porta à E. Há um cordão para tocar a campainha à E da lareira, e um telefone sobre a escrivaninha, apinhada de documentos legais. Há as costumeiras caixas de documentos de clientes e uma imensa pilha de documentos no banco formado pela janela.

Quando o pano sobe, o sol brilha pela janela à D. A sala está vazia. Greta, a datilógrafa de Sir Wilfrid, entra imediatamente. É uma moça um tanto fanhosa, muito convencida dos próprios encantos. Cruza até a lareira, dançando um passo de quadrilha no caminho, e tira um papel de uma caixa de documentos sobre a lareira. Entra Carter, o chefe de escritório, trazendo algumas cartas. Greta vira-se, vê Carter, cruza e sai silenciosamente. Carter cruza até a escrivaninha e pousa as cartas sobre a mesma. O telefone toca, Carter atende.

CARTER: *(ao telefone)* Escritório de Sir Wilfrid Robarts... Ah, é você, Charles... Não, Sir Wilfrid está no tribunal... Não volta já, não... sim, o caso Shuttleworth... O quê? – com Myers na promotoria e Banter julgando?... Já faz quase duas horas que ele está formulando sua sentença... Não, esta tarde de jeito nenhum. As horas estão completamente preenchidas... Eu poderia marcar-lhe uma entrevista amanhã... Não, impossível. Estou esperando Mayhew, de Mayhew e Brinskill, a qualquer momento... Está bem, até logo. *(Desliga e arruma os documentos na escrivaninha.)*

GRETA: *(Entra pintando as unhas.)* Quer que eu faça chá, sr. Carter?

CARTER: *(Olhando o relógio.)* Ainda não está na hora, Greta.

GRETA: No meu, está.

CARTER: Então seu relógio está errado.

GRETA: Eu acertei pelo rádio.

CARTER: Então o rádio está errado.

GRETA: *(chocada)* O rádio não, sr. Carter. Ele *não pode* estar errado.

CARTER: Este relógio era do meu pai. Nunca atrasa nem adianta. Não se fazem mais relógios assim, hoje em dia. *(Pausa. Pega uma folha datilografada.)* Mas, a sua datilografia! Sempre cheia de erros. Omitiu uma palavra.

GRETA: Ora – só uma palavra. Qualquer um faz isso.

CARTER: A palavra que você omitiu foi *não*. Sua omissão altera completamente a frase.

GRETA: É mesmo? Pensando bem, não é engraçado?

CARTER: Não é nada engraçado. *(Rasga a carta.)* Torne a batê-la. É possível que se lembre do caso que lhe contei na semana passada. O célebre caso Bryant e Horsfall. Sobre um testamento e um usufruto que, exclusivamente por causa do erro de um escriturário...

GRETA: Já sei. A mulher errada recebeu tudo.

CARTER: Uma mulher de quem ele se divorciara havia 15 anos. Completamente ao contrário dos desejos do falecido, como admitiu o próprio Meritíssimo. Mas foi necessário respeitar a redação. Não havia o que fazer.

GRETA: Eu acho que *isso* também é muito engraçado.

CARTER: O escritório de um advogado não é um lugar engraçado. A Lei, Greta, é um assunto sério e como tal deve ser tratada.

GRETA: Não é o que parece – quando a gente ouve algumas piadas dos juízes.

CARTER: Tais pilhérias são prerrogativas do Judiciário.

GRETA: E volta e meia eu leio nos anais que houve “riso no Tribunal”.

CARTER: Quando ele não é causado por algum comentário do juiz, verificará que invariavelmente ele ameaça mandar evacuar a sala.

GRETA: *(em tom baixo)* Velhinho chato. Sabe o que eu li outro dia, sr. Carter? “A lei é uma besta.” Não estou sendo grosseira, não. Estou só citando.

CARTER: Uma citação de natureza lamentável. Não é para ser levada a sério. *(Olha o relógio.)* Pode ir preparar o chá... *(Ele pára, esperando o segundo preciso.)* ...agora, Greta.

GRETA: Ah, obrigada, sr. Carter.

CARTER: O sr. Mayhew, de Mayhew e Brinskill, está para chegar. Esperamos, também, um sr. Leonard Vole. Podem vir juntos ou separados.

GRETA: Leonard Vole? Mas esse é o nome – estava no jornal...

CARTER: O chá, Greta.

GRETA: Um pedido para ele se comunicar com a polícia porque podia ter informações valiosas.

CARTER: *(Erguendo a voz.)* O chá!

GRETA: Foi só ante... *(Carter fulmina Greta com o olhar.)* O chá, sr. Carter. *(Sai.)*

CARTER: *(Arrumando seus papéis e resmungando.)* Essas mocinhas. Sensacionalistas – ineficientes – não sei onde acabará o Direito.

GRETA: *(Entra e anuncia.)* O sr. Mayhew.

(O sr. Mayhew e Leonard Vole entram. Mayhew é um típico advogado de meia-idade, perspicaz e um tanto seco e preciso em seu modo de ser. Leonard é um rapaz simpático e amável, com

cerca de 27 anos. Parece ligeiramente preocupado. Mayhew carrega uma pasta.)

MAYHEW: Sente-se, sr. Vole. Boa tarde, Carter.

(Greta pega os chapéus de ambos e pendura-os nos cabides acima da porta; depois sai, olhando para Leonard por sobre o ombro.)

CARTER: Boa tarde, sr. Mayhew. Sir Wilfrid não deve demorar, embora nunca se possa saber, com o juiz Banter. Irei imediatamente ao vestiário para avisar que o senhor está aqui... com...

MAYHEW: Com o sr. Leonard Vole. Obrigado, Carter. Temo que tenhamos marcado este encontro muito em cima da hora. Porém, neste caso, é... um tanto urgente. Como vai a dor no ciático?

CARTER: *(Virando.)* Só a sinto quando o vento vem do Leste. Obrigado por lembrar-se, sr. Mayhew. *(Sai.)*

(Mayhew senta-se. Leonard caminha como uma fera enjaulada.)

MAYHEW: Sente-se, sr. Vole.

LEONARD: Obrigado – eu prefiro andar. Eu – este tipo de coisa me deixa um tanto nervoso.

MAYHEW: Sim, sim, compreendo...

GRETA: *(Entra e fala com Mayhew, embora olhando fascinada para Leonard.)* Aceita uma xícara de chá, sr. Mayhew? Acabei de fazer.

LEONARD: Obrigado, até que era...

MAYHEW: Não, obrigado.

LEONARD: *(para Greta)* Desculpe. *(Sorri para ela, que corresponde ao sorriso, e sai.)* O que eu quero dizer é que não consigo acreditar que é comigo que isso está acontecendo. Fico pensando – que tudo é um sonho e que vou acordar daqui a pouco.

MAYHEW: Sim, imagino que deve sentir-se assim.

LEONARD: *(Movendo-se para a escrivaninha)* Eu quero dizer – parece uma coisa tão tola.

MAYHEW: Tola, sr. Vole?

LEONARD: É isso mesmo. Quero dizer, eu sempre fui um sujeito tranqüilo e amável – que se dá bem com as pessoas, sabe como

é. Não sou do tipo de sujeito que faz – sei lá, coisas violentas. *(pausa)* Bem, acho que no fim tudo vai dar certo, não é? Quero dizer, ninguém é condenado neste país por coisas que não fez, não é?

MAYHEW: O nosso sistema judiciário, na Inglaterra, é, na minha opinião, o melhor do mundo.

LEONARD: É claro que houve o caso daquele – como é o nome dele? – Adolf Beck. Eu li a respeito ainda outro dia. Depois de ficar na cadeia não sei quantos anos, descobriram que tinha sido um outro sujeito, chamado Smith. E aí lhe deram um indulto: isso é o que me pareceu muito esquisito – alguém ser perdoado por alguma coisa que não fez.

MAYHEW: É apenas o termo legal necessário.

LEONARD: *(Sentando-se.)* Pois para mim continua sem muito sentido.

MAYHEW: O importante é que Beck foi libertado.

LEONARD: É. Com ele foi tudo bem. Mas se fosse caso de assassinato – se tivesse sido, então seria tarde demais. Ele teria sido enforcado.

MAYHEW: Vamos, sr. Vole, não há necessidade de tomar uma atitude – mórbida.

LEONARD: *(patético)* Desculpe. Mas, sabe, eu estou meio aflito.

MAYHEW: Bem, pois tente ficar calmo. Sir Wilfrid Robarts chegará logo e quero que lhe conte sua história exatamente como a contou a mim.

LEONARD: Sim, senhor.

MAYHEW: Mas, nesse meio tempo, talvez pudesse dar-me um pouco mais de informações sobre os – detalhes – antecedentes. Pelo que compreendi, no momento o senhor está desempregado.

LEONARD: Estou, mas tenho algum dinheiro guardado. Não é muito, mas se o senhor pudesse admitir...

MAYHEW: Ora, eu não estou pensando em – hum – honorários. É apenas o quadro geral que estou tentando ver com clareza. O seu mundo e – hum – suas condições. Há quanto tempo está desempregado?

LEONARD: (*prontamente, com encantadora amabilidade*) Há cerca de dois meses.

MAYHEW: E o que fazia antes disso?

LEONARD: Trabalhava numa firma de manutenção de motores – eu era uma espécie de mecânico.

MAYHEW: E quanto tempo trabalhou lá?

LEONARD: Uns três meses.

MAYHEW: Foi despedido?

LEONARD: Não. Eu me despedi. Discuti com o chefe da oficina. Um f... (*Interrompe-se.*) Quero dizer, ele era um sujeito muito mesquinho, sempre implicando e reclamando.

MAYHEW: Hum! E antes disso?

LEONARD: Trabalhei em um posto de gasolina, mas as coisas ficaram meio desagradáveis e eu fui embora.

MAYHEW: Desagradáveis? De que modo?

LEONARD: Bem – a filha do patrão – ela era uma menina, mas começou a – bem, a ir com a minha cara – e não aconteceu nada de mal entre nós, mas o velho ficou um pouco cismado e disse que era melhor eu ir embora. Ele foi muito gentil, e me deu uma boa carta de recomendação. E, antes *disso*, eu vendia bateadeiras, ganhando comissão.

MAYHEW: Não diga.

LEONARD: (*com ar de menino*) Que aliás eram uma droga de ruins. Até eu teria inventado uma bateadeira melhor. O senhor está pensando que eu não esquento lugar. De certo modo é verdade – mas eu não sou realmente assim. O serviço militar alterou minha vida um pouco – isso e o fato de ter ido para o estrangeiro. Eu estive na Alemanha. Lá era ótimo. Foi lá que conheci minha mulher. Ela é atriz. Desde que voltei para a Inglaterra, por uma razão ou outra parece que não consigo assentar a vida em lugar nenhum. Na verdade eu não sei o que quero fazer – eu gosto de trabalhar com carros e de inventar uma porção de maquininhas e aparelhinhos novos para eles. É muito interessante. E, sabe...

(*Entra Sir Wilfrid Robarts, Q.C., seguido por Carter. Sir Wilfrid está usando seu paletó e peitilho de Q.C. E carrega sua*

peruca e toga. Carter carrega o paletó e a gravata-borboleta de Sir Wilfrid.)

SIR WILFRID: Olá, John.

MAYHEW: Ah, Wilfrid.

SIR WILFRID: *(Entregando a peruca e a toga a Carter.)* Carter lhe disse que eu estava no tribunal? Banter realmente estava a todo vapor. E este é o sr. – eh – Vole?

MAYHEW: Este é o sr. Leonard Vole.

LEONARD: Como está o senhor?

SIR WILFRID: Como está, Vole? Não quer sentar-se? Como vai a família, John? *(Carter ajuda-o a tirar o peitilho e a mudar o paletó.)*

MAYHEW: Molly pegou essa gripe de 24 horas.

SIR WILFRID: Que pena!

MAYHEW: É. Um azar. Você ganhou o caso, Wilfrid?

SIR WILFRID: Alegro-me em poder dizer que sim.

MAYHEW: Você sempre fica satisfeito de ganhar do Myers, não é?

SIR WILFRID: Eu fico satisfeito de ganhar de qualquer um.

MAYHEW: Mas Myers especialmente.

SIR WILFRID: *(Pegando a gravata que Carter entrega.)* Sim, especialmente Myers. Ele é um – cavalheiro – irritante. *(Pondo a gravata.)* Tem a capacidade de despertar o que há de pior em mim.

MAYHEW: Parece que o sentimento é mútuo. Você o irrita porque parece que jamais consegue deixá-lo terminar uma única frase.

(Carter sai, levando peruca, toga, paletó e peitilho.)

SIR WILFRID: Ele me irrita por causa daquele cacoete dele. *(Ele vira e pára na escrivaninha.)* É assim – *(Ele pigarreja e ajeita uma peruca imaginária.)* – e é isso que me leva à loucura, além de sua insistência em me chamar de Ro-barts – Ro-barts. Mas é um advogado muito hábil, e só precisava se lembrar de não fazer perguntas que orientem a testemunha, quando sabe perfeitamente que não deveria fazê-las. Mas, vamos ao trabalho.